

Nos corredores da Casa Branca

Luís Mauro Sá Martino

Faculdade Cásper Líbero

Resenha de MARSDEN, L. *For God's Sake*. New York, Zack, 2008.

Dios es Argentino, segundo um ditado popular de Buenos Aires. Mais para o norte, sabe-se que *Deus é brasileiro*. A nacionalidade do Todo-Poderoso continua desconhecida, mas não há dúvidas que Ele escolheu os Estados Unidos para levar a Democracia e o Evangelho a todos os cantos da Terra. Pelo menos é o que acredita a Direita Cristã norte-americana, de acordo com Lee Marsden em seu livro *For God's Sake – The Christian Right and the US Foreign Politics*, lançado em julho de 2008.

Professor de Relações Internacionais na Universidade de East Anglia, no Reino Unido, Marsden pesquisou o tema durante vários anos, reunindo entrevistas e documentos e participando de vários congressos, reuniões e encontros de lideranças. *For God's Sake* é o primeiro livro a analisar a influência da Direita Cristã na política externa norte-americana, o que pode explicar alguns acontecimentos recentes da História brasileira, em especial as estratégias de crescimento de algumas igrejas chamadas Neo-Pentecostais.

Marsden descreve o crescimento da Direita Cristã norte-americana desde os anos 1970, mostrando como os vários grupos conservadores foram se organizando em torno de uma agenda comum e, aos poucos, encontrando os caminhos para o Congresso e a Casa Branca. Com maior ou menor prestígio e influência, a Direita Cristã atua desde o governo Ronald Reagan, nos anos 1980, e não mostra sinais de fraqueza, seja qual for o vencedor das eleições presidenciais deste ano.

A Direita Cristã não é um grupo unificado, mas o conjunto de várias organizações, sociedades e igrejas – principalmente denominações evangélico-pentecostais, além de setores conservadores da Igreja Católica. Em comum, uma agenda política conservadora, baseada em uma interpretação literal da *Bíblia* e uma concepção dos Estados Unidos como responsável pela expansão dos valores cristãos pelo mundo.

Há várias correntes e tendências internas: enquanto alguns grupos pretendem aumentar sua participação política em um governo secular, outros falam abertamente em assumir o controle do Estado e transformar o regime norte-americano em uma teocracia. De acordo com Marsden, versículos da *Bíblia* selecionados e tirados de seu contexto costumam ser usados para justificar as iniciativas políticas. Ele

descreve como a Direita Cristã faz na esfera cultural uma política de interferência similar ao que outros departamentos do governo dos Estados Unidos fizeram no âmbito político.

A mistura de política e religião nos Estados Unidos não é nova, explica Marsden. O discurso político norte-americano esteve intercalado com referências religiosas desde os primeiros peregrinos, mas ganhou um impulso novo após os eventos de 11 de setembro de 2001. O pesquisador analisa um discurso de George W. Bush, identificando os componentes milenaristas e a condição de “salvador” dos Estados Unidos.

A rigor, não é possível saber onde termina a política e começa a religião. As estratégias da Direita Cristã estão fundamentadas nessa mistura, onde não há limites para a política em nome de Deus. O conservadorismo político do grupo se revela em sua postura contrária a uma série de propostas, incluindo a união civil homossexual, divórcio, aborto, pesquisa com células-tronco e a garantia dos direitos das minorias. Recentemente, alinharam-se para negar o aquecimento global. Na parte religiosa, o proselitismo e a divulgação do Evangelho dão a tônica.

Marsden revela várias das estratégias da Direita Cristã americana na política internacional, algumas das quais são estranhamente familiares, como o envio de missionários para doutrinar populações locais, ganhando almas para Deus e consumidores para o Capitalismo ou a divulgação político-religiosa disfarçada de ajuda humanitária.

Os missionários norte-americanos que se espalharam pelo mundo, em especial pelos países do “Sul”, traziam na bagagem as regras de uma evangelização agressiva, passando por cima das culturas locais e, de quebra, agregando valores dos Estados Unidos ao discurso. Em alguns casos, política, economia e religião apontavam no mesmo sentido: a noção de que Deus recompensa a fé das pessoas com a riqueza material – a chamada Teologia da Prosperidade – só pode existir em uma sociedade capitalista, onde a propriedade privada, o lucro e a livre-iniciativa sejam garantidas pelo regime político.

O uso dos meios de comunicação é um capítulo à parte: Marsden explica como o rádio, a televisão e a internet são poderosas ferramentas de divulgação dos valores religiosos da Direita Cristã, com os quais estão sempre grudados os valores políticos e econômicos norte-americanos. Exportados para dezenas de países, esses programas sublinhavam especialmente a cura divina e a prosperidade econômica dos fiéis – o que não é difícil quando o modelo são os Estados Unidos – garantindo sucesso e audiência em especial nos países “em desenvolvimento”, onde o acesso à saúde é restrito e as questões financeiras são urgentes.

No discurso da Direita Cristã, os Estados Unidos tem a missão divina de proteger a liberdade ao redor do mundo, expandindo a democracia e o livre-mercado. A construção do Reino de Deus passa pela esfera política, garantindo o direito à livre-expressão de sua crença religiosa, o mesmo direito que eles não hesitam em negar à quem não compartilha de suas idéias – ateus, agnósticos, o Islã.

Neste aspecto, Marsden sublinha a atuação da Direita Cristã na ajuda dos Estados Unidos a Israel, o chamado Sionismo Cristão. Esse apoio é baseado em duas principais visões religiosas da questão. De um lado, a existência de Israel é vista por alguns líderes da Direita Cristã como um sinal do apocalipse, e cabe aos

Estados Unidos garantir essa existência. Por outro lado, há quem afirme que o compromisso entre as duas nações deve ser mantido porque os judeus são o povo escolhido, segundo a *Bíblia*, e, ao ajudar Israel, os Estados Unidos ganham pontos com Deus. Do outro lado do muro, líderes radicais da Direita Cristã não hesitam em caracterizar o Islã como uma religião do mal, condenando não o “fascismo islâmico” e os “muçulmanos radicais”, mas todo o Islã. Quem quiser encontrar ecos do antigo discurso anti-comunista não precisa procurar muito: Marsden explica que, para alguns líderes, o mundo islâmico substituiu a União Soviética como inimigo principal.

Ou seja, Deus pode não ser argentino, brasileiro, nem mesmo norte-americano. Mas tem amigos influentes na Casa Branca.

Dios es Argentino, segundo um ditado popular de Buenos Aires. Mais para o norte, sabe-se que *Deus é brasileiro*. A nacionalidade do Todo-Poderoso continua desconhecida, mas não há dúvidas que Ele escolheu os Estados Unidos para levar a Democracia e o Evangelho a todos os cantos da Terra. Pelo menos é o que acredita a Direita Cristã norte-americana, de acordo com Lee Marsden em seu livro *For God's Sake – The Christian Right and the US Foreign Politics*, lançado em julho de 2008.

Professor de Relações Internacionais na Universidade de East Anglia, no Reino Unido, Marsden pesquisou o tema durante vários anos, reunindo entrevistas e documentos e participando de vários congressos, reuniões e encontros de lideranças. *For God's Sake* é o primeiro livro a analisar a influência da Direita Cristã na política externa norte-americana, o que pode explicar alguns acontecimentos recentes da História brasileira, em especial as estratégias de crescimento de algumas igrejas chamadas Neo-Pentecostais.

Marsden descreve o crescimento da Direita Cristã norte-americana desde os anos 1970, mostrando como os vários grupos conservadores foram se organizando em torno de uma agenda comum e, aos poucos, encontrando os caminhos para o Congresso e a Casa Branca. Com maior ou menor prestígio e influência, a Direita Cristã atua desde o governo Ronald Reagan, nos anos 1980, e não mostra sinais de fraqueza, seja qual for o vencedor das eleições presidenciais deste ano.

A Direita Cristã não é um grupo unificado, mas o conjunto de várias organizações, sociedades e igrejas – principalmente denominações evangélico-pentecostais, além de setores conservadores da Igreja Católica. Em comum, uma agenda política conservadora, baseada em uma interpretação literal da *Bíblia* e uma concepção dos Estados Unidos como responsável pela expansão dos valores cristãos pelo mundo.

Há várias correntes e tendências internas: enquanto alguns grupos pretendem aumentar sua participação política em um governo secular, outros falam abertamente em assumir o controle do Estado e transformar o regime norte-americano em uma teocracia. De acordo com Marsden, versículos da *Bíblia* selecionados e tirados de seu contexto costumam ser usados para justificar as iniciativas políticas. Ele

descreve como a Direita Cristã faz na esfera cultural uma política de interferência similar ao que outros departamentos do governo dos Estados Unidos fizeram no âmbito político.

A mistura de política e religião nos Estados Unidos não é nova, explica Marsden. O discurso político norte-americano esteve intercalado com referências religiosas desde os primeiros peregrinos, mas ganhou um impulso novo após os eventos de 11 de setembro de 2001. O pesquisador analisa um discurso de George W. Bush, identificando os componentes milenaristas e a condição de “salvador” dos Estados Unidos.

A rigor, não é possível saber onde termina a política e começa a religião. As estratégias da Direita Cristã estão fundamentadas nessa mistura, onde não há limites para a política em nome de Deus. O conservadorismo político do grupo se revela em sua postura contrária a uma série de propostas, incluindo a união civil homossexual, divórcio, aborto, pesquisa com células-tronco e a garantia dos direitos das minorias. Recentemente, alinharam-se para negar o aquecimento global. Na parte religiosa, o proselitismo e a divulgação do Evangelho dão a tônica.

Marsden revela várias das estratégias da Direita Cristã americana na política internacional, algumas das quais são estranhamente familiares, como o envio de missionários para doutrinar populações locais, ganhando almas para Deus e consumidores para o Capitalismo ou a divulgação político-religiosa disfarçada de ajuda humanitária.

Os missionários norte-americanos que se espalharam pelo mundo, em especial pelos países do “Sul”, traziam na bagagem as regras de uma evangelização agressiva, passando por cima das culturas locais e, de quebra, agregando valores dos Estados Unidos ao discurso. Em alguns casos, política, economia e religião apontavam no mesmo sentido: a noção de que Deus recompensa a fé das pessoas com a riqueza material – a chamada Teologia da Prosperidade – só pode existir em uma sociedade capitalista, onde a propriedade privada, o lucro e a livre-iniciativa sejam garantidas pelo regime político.

O uso dos meios de comunicação é um capítulo à parte: Marsden explica como o rádio, a televisão e a internet são poderosas ferramentas de divulgação dos valores religiosos da Direita Cristã, com os quais estão sempre grudados os valores políticos e econômicos norte-americanos. Exportados para dezenas de países, esses programas sublinhavam especialmente a cura divina e a prosperidade econômica dos fiéis – o que não é difícil quando o modelo são os Estados Unidos – garantindo sucesso e audiência em especial nos países “em desenvolvimento”, onde o acesso à saúde é restrito e as questões financeiras são urgentes.

No discurso da Direita Cristã, os Estados Unidos tem a missão divina de proteger a liberdade ao redor do mundo, expandindo a democracia e o livre-mercado. A construção do Reino de Deus passa pela esfera política, garantindo o direito à livre-expressão de sua crença religiosa, o mesmo direito que eles não hesitam em negar à quem não compartilha de suas idéias – ateus, agnósticos, o Islã.

Neste aspecto, Marsden sublinha a atuação da Direita Cristã na ajuda dos Estados Unidos a Israel, o chamado Sionismo Cristão. Esse apoio é baseado em duas principais visões religiosas da questão. De um lado, a existência de Israel é vista por alguns líderes da Direita Cristã como um sinal do apocalipse, e cabe aos

Estados Unidos garantir essa existência. Por outro lado, há quem afirme que o compromisso entre as duas nações deve ser mantido porque os judeus são o povo escolhido, segundo a *Bíblia*, e, ao ajudar Israel, os Estados Unidos ganham pontos com Deus. Do outro lado do muro, líderes radicais da Direita Cristã não hesitam em caracterizar o Islã como uma religião do mal, condenando não o “fascismo islâmico” e os “muçulmanos radicais”, mas todo o Islã. Quem quiser encontrar ecos do antigo discurso anti-comunista não precisa procurar muito: Marsden explica que, para alguns líderes, o mundo islâmico substituiu a União Soviética como inimigo principal.

Deus pode não ser argentino, brasileiro, nem mesmo norte-americano. Mas tem amigos influentes na Casa Branca.